



REPERTÓRIO LINGUÍSTICO-CULTURAL DOS ALUNOS E A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

STUDENT'S LINGUISTIC-CULTURAL REPERTORY AND THE TEXTUAL PRODUCTION AT SCHOOL

Ester Mian Cruz¹

RESUMO: O ensino de textos opinativos na escola caracteriza-se pela transmissão de um modelo organizado em cinco parágrafos: um para a introdução, três para o desenvolvimento e um para a conclusão. Os alunos ajustam-se ao modelo, porém, quando escrevem, percebem não ter ideias consistentes e tampouco configuram as que têm. Isso acontece, entre tantos motivos, porque se esquecem de que conteúdo e forma são indissociáveis. O presente artigo procura discutir os motivos para a falta de repertório linguístico-cultural e, ao mesmo tempo, tenta refletir sobre condutas que poderiam amenizar tal fato.

Palavras-chave: educação; produção textual; repertório linguístico-cultural

¹Professora de Língua Portuguesa no Centro Universitário Toledo e mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.

ABSTRACT: The teaching of opinionative texts at school is characterized by the transmission of an organized model of five paragraphs: one paragraph for the introduction, three for the development and one for the conclusion. The students adjust themselves to the model, however, when they write, they realize they have no consistent ideas either to configure the ones they have. It happens, amongst many reasons, because they forget that the content and the form are inseparable. The present article aims to discuss the reasons to the lack of linguistic-cultural repertory, and at the same time, tries to think over the actions that could soften such fact.

Key-words: education; textual production; linguistic-cultural repertory

Introdução

O ensino da produção de textos modificou-se consideravelmente no Brasil desde os anos 1980, quando voltaram às universidades do país os intelectuais exilados. Nessas últimas décadas surgiram inúmeras pesquisas tratando da modificação do ensino da Língua Portuguesa, em especial, do ensino de textos.

Sobre isso, há o clássico livro organizado por João Wanderlei Geraldi, *Da redação à produção de textos (1997)*, no qual o professor faz uma retrospectiva dessas pesquisas e propostas pedagógicas. Enfatiza que escrever implica a existência de um sujeito com valores, opiniões e que a escola deve ser primeiramente o espaço da interação do saber.

A respeito da transformação do ensino de Língua Portuguesa, Sílvia B. Cardoso, no livro *Discurso e Ensino (1999, p.9)*, declara:

Pretendia-se superar o impasse desencadeado pela prática educativa anterior, que vinha dominando nossas escolas desde o início dos anos 70. Um ensino de caráter essencialista, conteudista, tecnicista e limitado à descontinuidade e fragmentariedade do livro didático – resumindo-se a técnicas de redação, exercícios estruturais, treinamento de habilidades de leitura -, dominava não só as escolas como também o processo de formação de professores.

E é sob a influência desse ensino tecnicista e conteudista, que diversos materiais foram criados até mesmo depois dos anos 80. Em busca de resultados nos vestibulares, os autores dos livros escolares dedicaram-se a criar “modelos” para os tipos textuais. Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 01, n. 01, p. 160-174, out./dez. 2016.

estudados em sala: narrativo, descritivo e dissertativo-argumentativo. O problema, entretanto, está mais severamente presente na construção de textos dissertativo-argumentativos.

Não só os livros didáticos convencionais, mas também, e, com frequência, as apostilas dos cursinhos pré-vestibulares propunham esquemas infalíveis que acabavam por engessar o aluno. Auxiliavam os que tinham dificuldades, mas limitavam os que buscavam um texto original.

A respeito da presença de esquemas e suas consequências para a produção textual escolar, Meserani (2008, p.136) afirma:

Esquemas podem ser úteis para nortear a criação, desde que não sufoquem os seus caminhos, a ‘disposição interna do que tem a dizer’, conforme ressalva Mattoso Câmara. O que constrange a criação é a modelagem, a imposição de um ou alguns modelos que acabam se tornando tão redundantes quanto as expressões de lugar-comum.

Constata-se que o problema, décadas depois do enfoque tecnicista, ainda existe, pois no livro *Textualidade e ensino: os aspectos lógico-semântico-cognitivos da linguagem e o desempenho discursivo escolar*, (2006) Maria Conceição Alves de Lima, após processo de análise das dificuldades de produção textual apresentadas por alunos de graduação em Universidades Federais de MS, escreve:

No processo de análise das dificuldades de produção textual, apresentadas por nossos sujeitos, constatamos que 54,29% delas dizem respeito às habilidades lógico-semântico-cognitivas de estruturar o texto e desenvolvê-lo com coerência, fluência e objetividade, o que nos autoriza a afirmar que a realização do pensamento em palavras é certamente o maior problema com que se depara o aprendiz de produção escrita de textos. (2006:138)

Hoje, mesmo com a visão sócio-interacionista da linguagem e as teorias linguísticas dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do ENEM, que vêm alterando a condução pedagógica no E. M., há evidente presença dos citados “macetes” nos textos dos alunos e os resultados das atividades de produção de texto continuam abaixo das expectativas.

Até os alunos que estão expostos há anos a uma ação que enfatiza os processos interativos na produção textual, não conseguem expressar suas ideias com lógica e criatividade.

Um exemplar modelo aparece a seguir e foi retirado do livro “Prática de textos para estudantes universitários”, de Carlos Faraco e Cristóvão Tezza. (2001, p.95)

Tecnologia e vida cotidiana

Desde os primórdios, o homem vem aperfeiçoando a técnica do desenvolvimento, muitas vezes não tendo noção do que pode causar de bom ou ruim para a humanidade.

A tecnologia de um modo geral avançou de forma bonita em alguns países, como no campo da medicina, recuperando vidas, do qual antigamente não se conseguia. A evolução acontece com mais apogeu nas sociedades onde a educação está em primeiro lugar, exemplo: Japão, Estados Unidos etc.

Com a Revolução Industrial se concretizou ainda mais a selvagem exploração para com o trabalhador, onde o patrão usava e usa como instrumento a máquina, para pagar um mísero salário aos que prestam trabalho. Muitas vezes a competição, faz com que o homem utilize este desenvolvimento para mostrar poder construindo assim armamentos bélicos, super onerosos, esquecendo do povo oprimido deixando-os sem força até mesmo para lutar. O homem não se conscientiza dos quídados do qual deve tomar para evitar catástrofes, como poluição etc.

Por mais que a tecnologia chegue ao auge de seu desenvolvimento, ainda o homem é insubstituível, por isso este com toda a sua inteligência, não deve deixar com que esta maravilha descoberta, que é a máquina, trazer malefícios à humanidade e sim o bem para todos.

Para Faraco e Tezza (2001, p.96), o texto acima é um caso típico das redações de vestibular no Brasil e representa a homogeneidade do pensamento. Assim escrevem:

Podemos até repetir o lugar-comum: são todas iguais! De tal forma que é possível definir a ‘redação escolar’ como um gênero da linguagem, assim como o soneto, o discurso político, a receita de bolo... (2001, p.96).

Declaram que, excetuando o uso incomum e equivocado de “quídados”, a redação nada difere de outras milhares, revelando, assim como outras, o desejo apenas de *passar no vestibular*. Revelam ainda a ideia que o estudante tem da função que um texto dissertativo exerce: dar ordens e lições de moral. Comparam trechos da redação apresentada e de outras com trechos de discursos militares, descobrindo a convergência na visão de mundo e nas formas de expressão. Daí concluir que o texto escolar muitas vezes é resultado de uma mentalidade autoritária.

Os professores afirmam que “no esforço de levar o aluno a dominar a língua padrão, a escola levou junto, grátis, um modelo completo de formas e fórmulas acabadas chamado de ‘redação escolar’” (2001, p. 191).

Alcir Pécora (1982 apud Faraco; Tezza 2001), ao analisar os problemas de argumentação na redação escolar, observa que há constantes vácuos semânticos nos textos, que são preenchidos de diversas maneiras, mas sempre carregando sua ineficiência, pois os argumentos são confusos, genéricos e redundantes. Assim se expressa:

... no domínio do lugar-comum, utilizar a linguagem se confunde com a suposta atividade de reproduzir um texto-matriz; apenas aí, a linguagem não tem caminhos: ela tem uma primeira palavra, que é também a última. Significar, nesse caso, está definitivamente aquém e além de toda experiência. (2001, p.194)

Ao debater o assunto, Samir Meserani (2008, p.133) escreve que muito mais forte como modelo, positivo ou negativo, do que os textos lidos na escola é o discurso do professor, a aula. “Prosa falada”, com audiência cativa e cotidiana, acaba sendo impregnada no repertório do aprendiz. Fixa não só conteúdos disciplinares mas também sua estrutura formal, sua retórica e estilo, impondo-se num processo de modelagem presente...e prossegue afirmando que o texto do aluno representa na escrita a aula expositiva do professor, apoiada em dois modelos: o semântico e o sintático. Declara: O modelo semântico busca a matéria, “o que dizer”, e corresponde à retórica clássica de invenção... Este modelo se funde com o modelo sintático da aula expositiva tradicional, correspondente à *distributio*, a ordenação do material num esquema. (2008, p.135)

Amplia a discussão e associa os materiais didáticos à tradição: “Os manuais de redação atrelados à retórica clássica, mostram um gosto acentuado pelos esquemas, nem sempre muito diferentes das aulas expositivas tradicionais.” (2008, p.135)

O estudante reproduz, deste modo, um discurso corrente no nível do conteúdo e uma forma considerada aceitável, pois facilitada pelos famosos cinco parágrafos. O aluno, entretanto, não se sente seguro, porque tem a forma, mas as ideias, ou não aparecem ou não representam o seu modo de entender o mundo; o que não apenas demonstra um problema de ensino, mas, principalmente, o esvaziamento das ideias, a ausência de repertório linguístico e cultural dos jovens que pretendem ingressar nas universidades.

Uma das causas para esse dilema é que o ensino de textos no Brasil, desvincula, muitas vezes, o conteúdo da forma. O aluno utiliza-se de um procedimento que Cláudia Lemos, (1977 apud Leme Brito 1997, p.121), chama de estratégia de preenchimento, ou seja, opera um modelo formal anterior à sua reflexão sobre o tema; a organização sintático-semântica de sua discussão não representa o produto de sua reflexão, mas, opostamente representa um esquema, preenchido com fragmentos de reflexões ou construções desarticuladas.

Há evidentes tentativas de o estudante trabalhar utilizando uma linguagem que considera culta. Leme Brito (1997) demonstra que, além da estratégia de preenchimento, o aluno transfere para a produção escrita regras em uso que o mesmo desconhece. São inversões sintáticas, pronomes e conjunções desconhecidas, tais como a substituição sistemática da palavra *que* por *o qual* e a presença de um vasto vocabulário estranho à linguagem usual do estudante, exemplificando com: Nesse momento as incertezas se tornaram a aumentar, pois tentei assimilar a pessoa que a qual teria uma fotografia minha. (1997; p.119).

O texto que se apresenta a seguir é exemplar dessa dificuldade de articular pensamento e linguagem. Construiu-se após sessão do filme “Crianças Invisíveis”, da leitura de textos jornalísticos e da crônica “Protesto tímido”, de Fernando Sabino e de reflexões e interações nas aulas de Língua Portuguesa.

Sem título

Ser tratado como um objeto a ser vítima de qualquer forma de negligência, não é favorável a nenhuma criança, mas sim eles precisam receber direitos e liberdade para forma de situação independente da distinção de raça, cor, religião, sexos ou de outra natureza que todo ser humano possui. E também pode-se dizer que a primeira educação que essas crianças adquirem é através de exemplo dos pais.

O que não é permitido por lei às crianças é empregar antes da idade mínima conveniente, o emprego que lhe prejudique saúde, à educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

As cenas mostradas no filme, uma produção cinematográfica de diversos países, são pequenas crianças com armas na mão, trabalho infantil, roubos e até mesmo doenças como HIV, que foi transmitidos através dos próprios pais. E infelizmente a exploração infantil, ainda pode ser vista no

mundo contemporâneo. Por não possuírem uma vida adequada, vivem de roubos, violências e discriminações. Na realidade o que as crianças é uma forma de vida de simples felicidades como, por exemplo, enfrentar escolas, ter liberdade e sem nenhuma doença para que não seja discriminada pelas colegas, é simplesmente o desejo de serem felizes.

Portanto, a melhor forma de resolver grandes problemas a essas pequenas crianças é através de proteção à vida, à saúde, à educação, que é um dever fundamental da família, da sociedade e do Estado. Sendo assim, a qualquer hora deve levar em conta os melhores interesses às crianças, para que busquem soluções e construam o seu conhecimento com bases em experiências pessoais. Tornando possível a felicidade dessas crianças tão delicadas.

O esquema textual esboça-se, porquanto há introdução, desenvolvimento com argumentos e conclusão. Há palavras-chave denunciando as etapas: *portanto e sendo assim*. Entretanto, não existe texto satisfatório. O que se evidencia é que há sérios vácuos de sentido, não há organização lógica das ideias e não há coerência semântica.

Sobre o problema da transferência do pensamento para a escrita, Maria Conceição Alves de Lima, apoiando-se na hipótese vygotskiana do discurso interior, observa que muitos dos problemas advêm da incapacidade do redator de aprender a difícil tarefa do “desdobramento” da linguagem interior em linguagem escrita. Evidenciando que existem poucos trabalhos na área, acredita que se professores e pesquisadores de linguagem se debruçarem “sobre os processos mais eficazes de como realizar semelhante tarefa” (2006, p.190), haverá imensas contribuições cognitivas ao ensino da produção textual na escola.

Outra questão que envolve a produção de textos é a do domínio da linguagem e da visão de mundo de quem escreve. Para Faraco e Tezza (2001, p.191) “a técnica não existe em si: quem escreve, escreve alguma coisa; e a opinião se articula como linguagem”. Mexer na opinião significa alterar a forma. Se, então, o escritor não aprendeu a pensar, a buscar referências, a ampliar seu universo cultural, mas sim copiar frases e ideias, não será capaz de criar um discurso original no nível das ideias e da forma.

De acordo com Azevedo e Tardelli (1994 apud Passarelli 2004, p.20), deixar produzir um texto na escola é realizar uma atividade de elaboração que vai sendo apurada nas situações interlocutivas que se criam em sala de aula; é um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico, espontâneo ou meramente reprodutivo.

Embora já exista há algum tempo essa interação, a insistência nos modelos, algumas vezes inúteis, levou o aluno a limitar sua visão de mundo, porque a concepção geral é a de que escrever é também pronunciar as opiniões aceitas. São clichês reproduzindo as imagens sociais. Escrever será, então, adequar-se à forma, à norma e aos conteúdos massificados. Tal prática é um entrave ao ensino de textos: todos buscam a opinião certa e adequada ao modelo certo.

Quanto aos conteúdos, a situação agrava-se, porque as pessoas leem pouco sobre os dados, fatos ou opiniões que poderiam servir de apoio aos seus textos. Falta-lhes repertório cultural. Há, em geral, poucas referências políticas, artísticas, enfim, cultura erudita, já que a de massa está presente exaustivamente no nosso dia a dia.

Falta-lhes também o domínio da palavra escrita que, não necessariamente, deriva de muita leitura, pois a relação leitura-escrita nem sempre é automática, já que ler e escrever se desenvolvem por força de duas operações intelectuais que não são nem concomitantes nem se realizam da mesma maneira.

O que se observa é que os alunos têm dificuldade de expressar o pensamento, não como resultado de um ensino equivocado ou desligado das questões de interação da linguagem, mas, muitas vezes, por dificuldade de organizar o pensamento. Alves de Lima (2006) acredita que dessa observação origina-se uma polêmica: É possível ensinar a pensar?

A autora crê que aprender a pensar é uma necessidade básica da aprendizagem de qualquer disciplina e que desenvolver as habilidades de pensamento é hoje mais necessário do que nunca (2006, p.139) e que sim, é possível. Por isso, apresenta uma série de operações que, inseridas nas atividades de produção textual oral ou escrita, poderão atuar como estratégias para um treinamento sistemático a fim de disciplinar o raciocínio, organizar e ordenar as ideias.

Para realizar tal tarefa, entre muitas operações, é indiscutível a necessidade de desenvolver a autonomia intelectual, ou seja, desenvolver o treino do aluno para a independência das influências sociais e dos valores convencionais, assim como o exercício da crítica e o uso produtivo da crítica dos outros.

Por isso é que, mesmo entendendo os avanços pedagógicos trazidos pelas modificações impostas pelo ENEM, é que se crê que, se se levar muito radical e

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 01, n. 01, p. 160-174, out./dez. 2016.

unilateralmente a questão da intervenção ética na sociedade tal como a entendem alguns, o problema da falta de posicionamento e originalidade continuarão existindo, ou seja, se o aluno só pode se posicionar a favor, por exemplo, da reforma agrária, haverá sim um avanço do ponto de vista humano, mas não necessariamente, da construção de textos genuínos, originais. É o velho esquema de concordar com o tema fornecido. Sem dúvida, a reforma agrária bem organizada, é justa e necessária ao Brasil, mas obrigar alguém a escrever favoravelmente, não.

Diferentemente das propostas de produção de textos do ENEM, estão as propostas dos vestibulares da FUVEST e da UNICAMP. Já há algum tempo, a FUVEST trocou os temas com enfoques sociais, políticos, econômicos explorados à exaustão por temas de enfoque subjetivo, filosófico, psicológico, temas que exigem o posicionamento do escritor, a necessidade de demonstrar o repertório cultural tão defasado em muitas situações.

Ao fazer isso, a Fundação do vestibular, faz balançar as estruturas dos cursinhos que se acostumaram a fazer debates, promover palestras e dar dicas de leitura para a confecção da redação. A UNICAMP, há poucos anos, passou a cobrar gêneros textuais diversos a fim de também sair desse círculo vicioso de “temas que podem cair”. A Universidade de Campinas solicita a escrita de textos predominantemente opinativos, tais como discursos, artigos de opinião, cartas argumentativas etc.

Em 2009, a FUVEST cobrou de seus vestibulandos o tema Fronteiras, abaixo apresentado. Deixou livre para o aluno a aceção para a palavra. O tema, simples e complexo ao mesmo tempo, favorece a explanação mais livre do pensamento, ou melhor, o que se espera é que o vestibulando saiba demonstrar seu repertório linguístico-cultural em texto claro, coeso, coerente

e com nível satisfatório de informações e que construa-o adequado, ao conciliar esse conteúdo com uma forma que o represente.

Proposta de Redação do Vestibular 2009 da FUVEST

Fonte: Caderno de Provas. Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2009/provas/2fase/por/por06.stm>

REDAÇÃO



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_frontri%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008.

fronteira

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato.
Ex.: Havia chegado à f. da decadência.

Fonte: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Uma das redações que obtiveram nota 10 foi a que se apresenta a seguir.

Solve et coagula

Expansão e retração. Criar e eliminar fronteiras. Esta tem sido a história de nosso planeta e de suas gentes. Muitas vezes fronteiras forma modificadas, tanto no aspecto geográfico como nos campos do saber.

No âmbito geográfico não faltam exemplos. Começa-se com o continente original. Pangéia, um todo, uma massa única, depois separada pelo tectonismo de placas. Surgem fronteiras, continentes separados por oceanos. A seguir, povos formam agrupamentos, deixando a vida nômade. Surgem as vilas, as tribos. Tribos então se separam em feudos. Feudos irmãos estabelecem relações de interdependência. Partilham a mesma língua. Nasce, ou melhor, retorna o instinto gregário do homem. Feudos unem-se em províncias. Condados. Condados viram Estados. Estados formam países. Países lançam-se “por mares nunca dantes navegados” e conquistam outras terras. Áfricas, Ásia, Américas. Diferentes nações ambicionam mesmas terras. Assinam-se acordos. Partilham-se terras, sem levar em conta as etnias. A seguir, repartem-se terras. Fronteiras são criadas, unindo os diferentes (e até incompatíveis), outras vezes separando os iguais.

Na África, zulus, hutus, e tantos outros, moram num mesmo país, criado por um estrangeiro, dividido por outro. Na África do Sul, o povo autóctone é relegado a guetos, e o branco os aparta de seu convívio. É o “apartheid”. Por outro lado, os curdos se vêm separados no Iraque, na Turquia, nos outros países. Os desiguais unidos e os semelhantes separados, ambos armam-se, gritam, e violência e mais violência se instaura. Limites arbitrários gerando tensão, dor e morte.

Nas ciências, fenômeno semelhante ocorre. A filosofia, “mãe das ciências”, é partilhada entre os homens. Homens originais tomam do saber e o ampliam. Novas ciências emergem: a alquimia, a higiene, a política. Destas, outras tantas nascem: a Química, a Física, a Biologia, a Medicina, a Sociologia, a Antropologia, entre outras. Novas separações, novas especializações. Não há limites para novidades. E chega o ponto em que, para saber Medicina, tem-se que entender de Física (na Ortopedia), de Química (nas intoxicações, na hipertensão arterial), de Linguística (na aquisição da linguagem pelo bebê). Caem as fronteiras entre as ciências. A prova da Fuvest tem questões interdisciplinares. O que começa com Rui Barbosa e Oswaldo Cruz, termina com febre amarela.

Expansão e retração. Separação e depois dissolução. E daí surge a solução: o homem vê-se compelido a estar atento, de mente aberta, fluindo no conhecimento e fruindo dele, para que possa avançar, vencer limites, quebrar barreiras. Mas tendo claro o que faz dele, Homem, um ser singular, original, diferente de outro homem. Uns artistas, outros técnicos. Uns retóricos. Outros pictóricos. Diferentes e separados por suas singularidades, mas unidos como espécie. Retraindo egos para expandir. Colocando fronteiras a suas individualidades para usufruir da liberdade de ir sempre cada vez mais além. Sem limites. <http://www.fuvest.br/vest2009/bestred/bestred.stm>

Inegável a competência do escritor que não conseguiria passar por tantas eras, correntes, análises se não construísse um texto com períodos simples, orações absolutas, pausas frequentes. Forma e conteúdo se arquitetam e resultam nesse exemplo de pensamento organizado e texto coeso.

Demonstrando muita erudição, o autor escreve o texto nos famosos cinco parágrafos, mas que, em momento algum, lembram aqueles parágrafos vazios de informação e linguagem trabalhada. Nada sobra no texto. Se há repetições, elas são necessárias. O conceito alquímico e em latim do título, “solve et coagula” aparece e desaparece na construção dos períodos, muitas vezes simples, com orações absolutas e seus parágrafos, ao mesmo tempo, tão repletos de informações. Abre-se um tema, amplia-se e conclui-se com leveza e riqueza de dados, fatos históricos e citações a pensamentos, autores. Caetano Veloso aparece indiretamente citado em “Uns artistas, outros técnicos. Uns retóricos. Outros pictóricos”. Camões aparece em transcrição: “por mares nunca dantes navegados”.

A autonomia e independência do escritor é tanta que ele ousa fazer a metalinguagem comentando a prova da Fuvest. Ousadia rara em tempos de modelos de organização textual e esvaziamento de conteúdo. Outro caráter de ousadia e independência de raciocínio, mas também de repertório cultural é o inter-relacionamento entre as ciências que ele expõe no quarto parágrafo: fronteiras rompidas ao longo dos séculos de conhecimento humano.

Se os textos de boa parte dos alunos não podem esboçar as características acima, podemos por meio de alguns procedimentos diminuir o dilema entre forma e conteúdo. Seguem-se alguns que são o resultado de diversas referências apresentadas neste artigo.

1. Desvincular a ideia da “escrita na escola” da ideia da “redação escolar”. A escrita na escola precisa ser a escrita-na-para-a-vida. (Ferrarezzi Jr., 2014, p.84)
2. Fazer o aluno compreender que a opinião *transformadora* (Faraco; Tezza, 2001), ou seja, a que está impregnada de vitalidade, necessita de informação. Não existe opinião pura; essa necessita de informações para que se abram caminhos, surjam argumentos e provas;
3. Ampliar, na medida do possível, com leituras de diversos textos, o universo de informações, de visões de mundo dos alunos;
4. Limitar a visão de escrever por imitação, ou seja, ler os clássicos é fundamental (Passarelli, 2004, p.24) para a formação de repertório linguístico-cultural, mas não tomá-los integralmente como modelos para a prática diária do aluno;
5. Desmitificar entre os alunos a crença de que só alguns “eleitos” (Passarelli, 2004, p.26) podem escrever bem;
6. Enfatizar que um texto não é um produto, que já nasce pronto e acabado. Planejar e revisar os textos é fundamental para a boa escrita, para a combinação ideal entre forma e conteúdo;
7. Instaurar um processo interativo (Antunes, 2009, p.35) em que o professor ouça os alunos e os ajude a aprender a ouvir, levando em conta o conhecimento prévio deles;
8. Refletir com os alunos sobre as funções sociais da escrita e sobre a necessidade de conhecê-las para escrever com mais pertinência;

Enfim, um trabalho diário mais efetivo, mais dinâmico em torno das ideologias coexistentes, de fatos cotidianos por meio da interdisciplinaridade entre língua portuguesa, filosofia, sociologia e, por que não dizer, ciências naturais faria a educação avançar, pois, conforme Antunes, (2009, p.232) ninguém é absolutamente original. Na verdade, a história é o registro do discurso humano. Se esse princípio da intertextualidade fosse explicitado e explorado na escola, seríamos advertidos para a funcionalidade de ampliar nosso repertório de informações, em consultas, debates, reflexões coletivas, para suprir nossas necessidades de interação.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino. 2º ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, Carlos A., Cristovão Tezza. *Prática de textos para estudantes universitários*. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERRAREZI Jr. Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino da língua materna. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR - FUVEST. Provas 2009. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2009/provas/2fase/por/por06.stm>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

_____. Melhores Redações 2009. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2009/bestred/bestred.stm>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

GERALDI, João W. (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo, Ática, 1997.

LIMA, Maria Conceição Alves de. Textualidade e ensino: os aspectos lógico-semânticos da linguagem e desempenho discursivo escolar: São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MESERANI, Samir. O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação. 5º ed. São Paulo, Cortez, 2008.

PASSARELLI, Lílian. *Ensinando a escrita: o processual e o lúdico*. 4ª ed. Revista e ampliada. São Paulo, Cortez, 2004.